

A Sinfonia de Alexandre Levy

Incumbiu-me João Carlos Martins, quando era titular da Secretaria de Estado da Cultura, de realizar pesquisas em torno dos materiais musicais, acaso existentes no Arquivo daquele órgão, à rua Antonia de Queiroz. Durante semanas, estagiei longas horas na Unidade administrativa, superiormente dirigida pelo prof. José Sebastião Witter. Entre documentos conservados em caixas de zinco, deparou-se-me uma partitura formatada in-4º, volumosa (Ordem 6120, do mesmo Arquivo), datada de 1910, da grande Sinfonia em Mi menor, do compositor paulista Alexandre Levy, (1884-1892), copiada em excelente caligrafia por Synesio Triguelro. Recordava-me perfeitamente de um concerto sinfônico, promovido pelo Departamento Municipal de Cultura, a 17 de janeiro de 1942, sob a regência de Souza Lima, quando foram executadas a Sinfonia; um Andante para orquestra de cordas; "Comala", poema sinfônico e três capítulos da Sulte Brasileira: "Prelúdio", "A beira do regato", "Samba".

Há motivos para crer que a Sinfonia somente foi repetida nesta Capital apenas mais uma vez (1959) pela Orquestra Sinfônica Municipal, sob regência de Roberto Schnorrenberg.

Da importância da Sinfonia bastará lembrar que foi premiada pela Comissão Colombiana Mundial, na Exposição Internacional de Chicago (1893), um ano após o prematuro e lamentável passamento do compositor, fulminado por uma síncope cardíaca, aos 27 anos de idade.

Pois agora, a Sociedade Brasileira de Musicologia, a Secretaria de Estado da Cultura, por seu Departamento do Arquivo; o Ministério da Cultura/Funarte/Instituto Nacional de Música, em co-edição da FIEO — Fundação "Instituto de Ensino para Osasco", com apoio da Xerox do Brasil e da sra. Cecília Levy Murinho de Souza — vem de publicar a grande Sinfonia de Levy, em primorosa edição, prefaciada pela eminente musicóloga Cléofe Person de Mattos, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Musicologia; pelo ex-secretário da Cultura, Jorge da Cunha Lima, e contendo um completo esboço biográfico do autor, da lavra do abalizado musicólogo Arnaldo José Senise. Tendo em vista que ainda não foi encontrado o autógrafo completo da Sinfonia, bem como as numerosas imperfeições detectadas nas cópias superstitais de Synesio Triguelro, Boris Lomani, Eduardo Dohmen e outras, tornou-se imprescindível um escrupuloso cotejo de confronto entre os vários textos. Foi contratada uma copista-restauradora, tendo Senise pesquisado em profundidade todos os elementos afines à obra e seu autor, do que resultou, a meu ver, um verdadeiro monumento de probidade intelectual, de extenuante e beneditina paciência, ciência musicológica, espírito prático. O Brasil estava a clamar por um trabalho desse nível. Nenhum esforço foi poupado para que o grosso volume fosse apresentado ao nível do melhor estilo e autoridade. Agora, quem quiser montar a Sinfonia na sala de concertos, mandará extrair, através de copistas, as partes cavadas da paraphernalia instrumental: flautas, oboés, clarinetes, fagotes, trompetes, trombones aos pares; quatro trompas, contrabaixos, tuba, tympani; violinos I-II, violas, violoncelos, contrabaixos.

DISCOS

CARLOS GOMES — Aberturas das óperas Il Guarany, Salvador Rosa, Fosca; "Alvorada" da ópera Lo Schiavo; Prelúdio da ópera "Condor" ("Odaléa"). Orquestra Sinfônica de Campinas, reg. Benito Juarez. — 3M, 3M5-0001. Ed. original brasileira.

Tal qual Verdi, Ponchelli e outros coevos, Carlos Gomes cingiu-se à ópera. Uma lástima, realmente se se esforçasse por escrever um concerto para piano, ou violino, ou violoncelo e orquestra; ou um ciclo de "Lieder"; ou quintetos para cordas e piano; ou poemas sinfônicos, certamente seria hoje lembrado e porventura executado, caso suas composições encerrassem real força artística. Historiadores lembram que o camplheiro chegou a elaborar uma versão ou síntese sinfônica sobre uma das óperas. Mas não se tem notícia do paradeiro da partitura. E como hoje a montagem de óperas envolve custos gigantescos, e tendo em vista o por vezes precário gabarito inspiracional de muitos melodramas gomesianos, o corolário é inarredável: Carlos Gomes está votado ao esquecimento. E não se argumente com líricas tiradas patrióticas!

Benito Juarez, regente titular e diretor artístico da Sinfônica de Campinas, partiu para um disco de excertos orquestrais de Carlos Gomes. Tem-se a impressão de estarmos ouvindo música de concerto, sem aquela típica atmosfera de expectativa, que precede a subida do velário numa ópera dramática. Mais uma vez patenteia-se o domínio das possibilidades sinfônicas do maior operista das Américas no séc. XIX. O registro sonoro comporta-se de excelente estilo. Menos, porém, o célebre Prelúdio ao IV ato de Lo Schiavo, a "Alvorada", que, por sinal, jamais poderá ser qualificado "intermezzo", como da contracapa consta. Do próprio sentido etimológico do substantivo deflui o conceito de um trecho orquestral em meio a um ato ou a uma cena, bastando recordar os "intermezzi" da Cavalleria Rusticana, do Guglielmo Rattcliff de Mascagni. Toda a 1ª parte da "Alvorada" flutua num tênue pianissimo. Todavia, não podemos reduzir tanto a dinâmica sonora a ponto de tornar inaudível a delicada paleta sinfônica de Gomes. E isso, por desdita, acabou acontecendo, com a agravante dos trompetes bélicos soando apagados, apenas decifráveis por adivinhação... lástima!

Antolha-se-me por igual melancólico que o maestro Benito Juarez não se lembrasse de gravar pela primeira vez o primitivo Prelúdio para Il Guarany, descartado afinal pelo compositor, em prol da empolgante Abertura (ou "Protofonia", segundo o pedante substantivo ainda hoje em voga). É uma partitura que ninguém conhece, mas, de todo modo, digna de exumação. Além disso, o título da derradeira ópera poderia ser Odaléa, em vez de Condor, que se presta a trocadilho ("Com dor"), sendo em francês um termo impubescível.

Os comentários de encarte, a cargo de Damiana Cozzella: medíocres, lacunosos, mal redigidos. Como sempre, aliás!

De qualquer modo, um lançamento discográfico de excelente nível artístico.

al
cc
fa
tu
to
te
ni
mi

ve-
da,
Foi
Goc
Mic
xar,
pari-
se v
cha
a ca
E
que
de a
zada,
se) t
As o

D. P. 13. 4. 1977